

A EDUCAÇÃO DO SENSÍVEL: SABERES EDUCATIVOS QUE CIRCULAM NA COMPREENSÃO DO SER HUMANO

Andressa Cristina Vani*

Resumo

Educar é um processo humano de inter-relação de um para o outro. Nesse compartilhar recíproco de experiências e vivências, é preciso possibilitar o conhecer e o repensar do viver humano pela educação sensível, em que o aluno possa perceber as sensações, os sentidos, saber ouvir, ver, falar, degustar para melhor se compreender, e compreender o outro, em suas peculiaridades e diferenças. Percebemos que tudo muda constantemente, em uma velocidade instantânea, em que as pessoas acabam trocando o contado físico pelo contato virtual, deixamos de enxergar, degustar, ouvir, perceber e muitas vezes nem somos percebidos. Diante do exposto, o presente estudo tem como temática *A educação do sensível: saberes educativos que circulam na compreensão do ser humano*. Essas interfaces da vida contemporânea influenciam na estrutura social e no ambiente escolar; diante disso, propôs-se como problemática de estudo: quais as possibilidades educativas que o ensino da Arte, no viés da educação do sensível, pode contribuir em um repensar as inter-relações humanas dos educandos da Escola de Educação Básica? A pesquisa caracterizou-se pelo uso da abordagem qualitativa, de cunho etnográfico como pressuposto metodológico e teórico. Para a análise dos achados da pesquisa, utilizou-se a abordagem fenomenológica. Os participantes do processo de intervenção docente foram educandos das Séries Finais do Ensino Fundamental de uma Escola de Educação Básica pertencente à rede pública municipal e estadual de ensino da cidade de São Miguel do Oeste, SC.

Palavras-chave: Educação sensível. Ensino da Arte. Educandos.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é um recorte de um projeto de pesquisa-ação desenvolvido sob forma de intervenção docente com uma turma de educandos das Séries Finais do Ensino Fundamental de uma Escola de Educação Básica pertencente à rede pública municipal e estadual

* Pós-graduanda do Curso de Arteterapia, Educação e Saúde da Universidade do Oeste de Santa Catarina; Graduação em Artes Visuais - Licenciatura Plena na Área das Ciências Humanas e Sociais pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; Estudante/bolsista de um projeto de pesquisa de Iniciação Científica por meio do programa PIBIC vinculado ao CNPq; Membro do grupo de pesquisa Educação e Conhecimento na linha de processos educativos da Universidade do Oeste de Santa Catarina; dessa.vani@hotmail.com

de ensino da cidade de São Miguel do Oeste, SC. Os dados coletados emergiram durante as vivências de atividades artísticas integrativas e afetivas desenvolvidas com os educandos. Os dados foram registrados em diários de aula, contendo narrativas e registros de imagens dos participantes durante o processo. Concluiu-se que o processo de intervenção docente possibilitou uma compreensão mais efetiva do ambiente escolar. Por meio das vivências artísticas objetivou-se contribuir com o processo de ensino-aprendizagem dos educandos, o qual ocasionou momentos de reflexão, expressão por meio do fazer artístico de mandalas, diálogos, partilha e acolhida de vivências e experiências, momentos integrativos, de bem-estar e cooperação. Compreendeu-se, por meio destas vivências, que o ensinar e o aprender são momentos que necessitam do contato com o outro, do afeto, da ética, do comprometimento, da solidariedade e do respeito, pois educar é um processo humano.

2 A EDUCAÇÃO EM UMA DIMENSÃO HUMANIZADORA POR MEIO DA ARTE

A partir dos registros artísticos deixados pelo ser humano nas paredes das cavernas, em obras artísticas, podemos conhecer a trajetória histórica da humanidade, e esta vem sendo reconhecida gradualmente pelos grupos sociais. De acordo com Buoro (2008, p. 19), “Uma das primeiras referências da existência humana na Terra aparece nas imagens desenhadas nas cavernas, que hoje chamamos de imagens artísticas. Nesse sentido, pode-se dizer que a Arte está presente no mundo desde que o homem é homem.” Assim, ressalta-se que a Arte faz parte desde o princípio da história da humanidade.

Por meio da linguagem visual o ser humano registra sua história, comunica-se com seu mundo, e nas relações com a própria natureza desenvolve, por meio do pensamento abstrato, capacidades essenciais para a sua sobrevivência coletiva. Fischer (1987, p. 47) ressalta que “A arte não era uma produção individual e sim coletiva [...] o coletivo significava a vida e o conteúdo da vida.” A Arte sempre esteve presente na vida cotidiana do ser humano, possibilitando, assim, a expressão cultural por meio dos diversos registros e formas artísticas materializadas ao longo da história da vida humana.

Diante do exposto, acredita-se que a educação acontece na relação com o outro, em uma recíproca troca de experiências e convivências, e a Arte vem para contribuir com esse processo. Conforme Maturana (2005, p. 29), “O educar se constitui no processo em que a criança ou adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço da convivência.” Nesse sentido, convém destacar que é necessário que aconteça esse envolvimento na convivência entre as pessoas, promovendo, então, o desenvolver do diálogo, do respeito, da reflexão e da compreensão. Desse modo, “[...] uma aprendizagem que, sem a relação afetiva com sua própria obra pedagógica, sem a relação afetiva com suas cognições, seus sentimentos, emoções e ações, acaba lamentavelmente em desencantamento.” (MEIRA; PILLOTTO, 2010, p. 13).

Ao adentrar nos pressupostos do convívio humano, faz-se necessário refletir sobre as emoções que integram o ser de modo geral, e que, de uma forma ou outra, são funda-

mentais na convivência e na aprendizagem. Segundo Maturana (2005, p. 32), “O central na convivência humana é o amor, as ações que constituem o outro como um legítimo outro na realização do ser social que tanto vive na aceitação e respeito por si mesmo quanto na aceitação e respeito pelo outro.”

Nessa perspectiva, Meira e Pillotto (2010, p. 10) ressaltam que “[...] o amor é algo precioso demais para nossa vida, um componente indispensável à conquista da sabedoria.” Dessa forma, faz-se necessário refletir sobre essa dimensão do contexto afetivo como algo que está vinculado diretamente ao ato de educar, ou seja, é importante mediar o conhecimento com amor, a fim de que este seja significativo durante o processo de ensino-aprendizagem, em uma válida experiência e troca de saberes.

Duarte Junior (2009, p. 37) ressalta que “O homem sempre se agrupou, como forma de sobreviver. Em conjunto, era mais fácil resistir às forças da natureza, e as ações poderiam se dar de maneira cooperativa.” Compreende-se que é da natureza humana estabelecer relações no conviver, pois quando estabelecemos o contato com o outro estabelecemos vínculos afetivos, podendo, assim, desenvolver ações em prol do coletivo, da ajuda ao outro. Entretanto, percebe-se hoje muitas mudanças nessa concepção, pois as pessoas estão perdendo estes vínculos de convivência humana e se afastando uma das outras em prol de interesses particulares. Diante desse princípio, Meira e Pillotto (2010, p. 14) destacam que, no ambiente escolar,

[...] são construídas relações de alegria e tristeza, competição, frustração, entre tantos outros sentimentos que formam as redes de emoção. Essas redes precisam ser realimentadas constantemente por meio de laços afetivos, que envolvem os aspectos cognitivos e sensíveis. Se, por um lado, a escola, nessas últimas décadas, vem cada vez mais implementando suas ações pedagógicas por meio de novas tecnologias comunicacionais, por outro vem perdendo consideravelmente a dimensão afetiva, indispensável aos processos de aprendizagem.

Nessa perspectiva, ressalta-se que é necessário desenvolver na prática pedagógica *ações que envolvam o outro, fortalecendo as redes de emoções nas dimensões do sensível, a fim de preservar esse encantamento no ato de educar e possibilitar que este seja desenvolvido nas práticas educativas do ser humano*. Nesse sentido, Maturana (2005, p. 31) destaca que “[...] sem respeito por si mesmo não se pode aceitar e respeitar o outro, e sem aceitar o outro como legítimo outro na convivência, não há fenômeno social.”

Percebe-se que, ao estabelecer boas relações com os outros, estas refletirão em melhores condutas sociais, ou seja, quando estabelecemos atitudes de respeito e aceitação por nós mesmos e pelo próximo, efetivaremos os deveres que nos competem enquanto cidadãos comprometidos com as ações mediante uma sociedade mais humana, que se respeita e compreende o outro nas suas peculiaridades.

Ao refletir sobre esses aspectos se percebe que, por meio de uma educação que se objetiva e se fundamenta nos vieses da convivência e do afeto, pode-se possibilitar, por meio destes, alternativas de reencantamento pelo ato de educar, por meio do contato com o outro, resgatando, assim, algumas práticas cotidianas próprias do ser humano, mas

que, por vezes, estão sendo esquecidas, tornando-se ultrapassadas. Nessa percepção, Freire (2008, p. 45) expõe que “Ver e ouvir demanda implicações, entrega ao outro. Estar aberto para vê-lo e/ou ouvi-lo como é, no que ele diz, partindo de suas hipóteses, de seu pensar. Dessa forma, buscar a sintonia com o ritmo do outro, do grupo, adequando, em harmonia, ao nosso.”

Nessa perspectiva, percebe-se que, ao possibilitar aos educandos uma educação fundamentada na convivência e na afetividade, esta possibilitará melhores ações cotidianas quanto à relação destes no ambiente em que vivem e nas demais convivências. Assim, acredita-se que o ato de educar acontece constantemente com a interação de um com o outro, nessa ação recíproca de troca de vivências e experiências, possibilitando olhares afetivos em prol de uma sociedade mais humana.

2.1 INTERFACES NO VIVER CONTEMPORÂNEO

Em meio a tantas mudanças e incertezas, percebe-se que o ser humano encontra dificuldades para estabelecer relações afetivas e sensoriais geradas pela(s) convivência(s) no viver contemporâneo. Diante do exposto, Bauman (2007, p. 30) afirma que há um novo individualismo e um enfraquecimento dos vínculos humanos na pós-modernidade. “Os vínculos humanos são confortavelmente frouxos, mas, por isso mesmo, terrivelmente precários, e é tão difícil praticar a solidariedade quanto compreender seus benefícios, e mais ainda suas virtudes morais.” Bauman (2007) argumenta sobre as rápidas mudanças na vida social, cultural e econômica na pós-modernidade. Têm como causa a crise existencial em que ações de solidariedade, valores éticos e morais, que deveriam ser vivenciados nas ações cotidianas, estão se fragmentando e diluindo, enfraquecendo, assim, os laços afetivos.

Tendo como reflexão a ideia de liquidez, Bauman (2007) afirma que líquido-moderna “[...] é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir.” (BAUMAN, 2009, p. 7).

De acordo com Bauman (2009), a sociedade contemporânea está em constante estado de mutação cultural e tecnológica. É momento de incertezas, em que o novo é líquido, o amor é líquido e a modernidade é líquida, em que o ser humano não é capaz de estabelecer relações sólidas e duradouras. Essas consequências estão refletidas também no ambiente escolar, pois os educandos fazem parte desse meio de incertezas, de flutuações, do descartável e do efêmero.

Estes acabam se integrando às gerações do individualismo e do egocentrismo, em que atitudes de desrespeito acabam sendo presenciadas no ambiente escolar, invalidando, assim, a relação afetiva entre professor/aluno, aluno/aluno e demais membros da comunidade escolar. Percebe-se, assim, a carência da sensibilidade entre as pessoas.

Estamos, portanto, descuidando-se de nosso corpo e de sua educação, na acepção mais ampla de estesia, deixando de lado o desenvolvimento da sensibilidade mais

básica de que somos dotados: aquela proveniente de nossos sentidos - o tato, o paladar, o olfato, a visão e a audição. (DUARTE JUNIOR, 2010, p. 26).

Duarte Junior (2010) faz referência à crise dos sentidos na contemporaneidade. Conforme o autor, em meio a tantas mudanças que vêm ocorrendo, os sentidos ficam anestesiados, pois, em razão dessa rotina corriqueira e agitada, dificilmente o ser humano se posiciona frente ao outro, a fim de ouvir, para, então, poder ajudar ou compartilhar momentos recíprocos de conversações. Nesse sentido, as práticas de solidariedade estão se fragilizando, perdendo-se, e as poucas que ainda acontecem são *motivos de notícias*, pois são um diferencial em meio a uma sociedade que não “para”, para ouvir, nem ver, nem sentir, muito menos degustar.

Duarte Junior (2001, p. 82) ressalta, ainda, que:

A cidade, este lugar primordialmente sensorial e emotivo, está agora em franco processo de destruição; o que equivale a se dizer que todos nós estamos nos deteriorando com ela. Não mais passeios ao pôr-do-sol, não mais um vagar descompromissado com os sentidos tocados pelas cores, pelos sons e odores do lugar, não mais um sentimento da cidade como uma extensão amorável de nosso corpo. Em troca, o caos e a brutalidade, o medo e a violência, a sujeira e a fealdade.

Conforme o autor, os momentos de contemplação da natureza, como também os passeios ao ar livre, estão se fragmentando. O que antes era um momento de percepção em meio às formas, cores e odores perceptivos ao entorno da própria natureza, agora o é acompanhado pela sujeira e assombrado pelo medo e violência, dificultando os momentos de lazer, os quais acabam se efetivando em um passear de insegurança.

Nessa perspectiva de acelerado processo de mudanças, percebeu-se também a marcante influência do consumismo. Segundo Bauman (2008, p. 71), “A “sociedade de consumidores”, em outras palavras representa o tipo de sociedade que promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial consumista, e rejeita todas as opções culturais alternativas.” Diante do exposto, percebe-se que essa forma camuflada que o consumismo propõe consegue induzir as pessoas ao consumo de produtos, a fim de acompanhar cada vez mais as novidades tecnológicas, gerando uma cultura de consumidores e individualistas, em que tudo passa a ser constantemente efêmero. Assim, Duarte Junior (2010, p. 27) ressalta sobre os momentos de conversações em que:

Nossas conversas informais foram sendo, no agito ritmo da vida contemporânea, substituídas por diálogos profissionais e distantes, muitas vezes mediados por impessoais sistemas eletrônicos de comunicação e as próprias famílias têm pouquíssimo tempo para reuniões em que a audição e a fala entre todos se estenda e propicie uma prazerosa troca de informações e sensibilidades.

Dessa forma, os escassos momentos de conversações entre as pessoas estão se fragilizando. Há carência dos momentos de diálogo, das rodas de conversas, dos encontros em família e grupos de amigos. Essas vivências e conversações estão sendo substituídas gradativamente por meio da mediação de recursos eletrônicos.

Diante disso, Duarte Junior (2010, p. 27) ressalta, ainda, que “A casa foi tornada uma “máquina de morar”, um espaço constantemente diminuído que não abriga sonhos e afetos, exercendo tão só uma função prática.” De acordo com o autor, percebe-se que as moradas deixaram de ser lares acolhedores e afetuosos espaços para se viver, tornando-se, agora, apenas construções para abrigar uma família nos momentos em que se reúnem.

Bauman (2007, p. 74) afirma que: “Uma vez que a competição substitui a solidariedade, os indivíduos se vêem abandonados aos seus próprios recursos - lamentavelmente escassos e evidentemente inadequados.” Assim, os vínculos afetivos e coletivos acabam sendo substituídos pelo contexto do sistema capitalista, que prioriza o individualismo, a produtividade e a competição.

Contudo, ressalta-se que, para compreender as dimensões coletiva e afetiva nas relações, propostas por uma educação que se fundamenta no viés da afetividade e da coletividade, é preciso, antes, compreender o ser humano como um todo em seu contexto atual, este que vivencia na contemporaneidade um anestesiamiento dos sentidos, momentos de incertezas, de competições, de liquidez (BAUMAN, 2009). Estas dimensões interferem cada vez mais no processo de ensino-aprendizagem, a qual inclui a educação nessa crise de referências.

Assim, há a necessidade de se resgatar, por meio da educação, esses momentos que estão se fragilizando, diluindo-se no contexto atual. Dessa forma, Maturana (2005, p. 32) afirma que “[...] é necessária uma postura reflexiva no mundo no qual se vive; são necessários a aceitação e o respeito por si mesmo e pelos outros sem premência da competição.”

Nessa perspectiva, a aprendizagem é algo que acontece na interioridade de cada ser e, por esse motivo, faz-se necessário repensar as próprias ações, a fim de poder fazer a diferença e promover a mudança de fato. Nesse sentido, Maturana (2005, p. 34) ressalta o porquê de educar. Segundo ele, é “Para recuperar essa harmonia fundamental que não destrói, que não explora, que não abusa, que não pretende dominar o mundo natural, mas que deseja conhecê-lo na aceitação e respeito para que o bem-estar humano se dê no bem-estar da natureza em que se vive.”

Diante do exposto, ressalta-se a preocupação com o resgate desta harmonia fundamental como proposta de efetivação na prática pedagógica, incluindo o contato com a natureza e os momentos afetuosos na convivência entre as pessoas, sendo estes fundamentais para a compreensão do outro, nas suas diferenças e peculiaridades. Em meio a esse processo de mudanças que vem ocorrendo, percebe-se a necessidade de resgatar uma educação por meio das conversações, em que educador e educando entram em sintonia. Caso contrário, vinculam-se gradativamente os pressupostos de uma sociedade individualista e desumana.

3 DESENHANDO-SE POR MEIO DA CRIAÇÃO COLETIVA COM ELEMENTOS DA NATUREZA

Educar exige um processo de mudanças, no qual se percebe a necessidade de traçar novos olhares para a educação, para que o saberes que permeiam as salas de aula,

sejam sementes férteis, por isso é imprescindível que o educador e o educando entrem em sintonia. Desse modo, apresentam-se escritos acerca do processo de ensino-aprendizagem vivenciado na Educação Básica, na disciplina de Artes.

Propôs-se o fazer artístico coletivo aos educandos das Séries Finais do Ensino Fundamental, uma mandala, a fim de vivenciar no coletivo o acolhimento e a reflexão, utilizando para a produção sementes e elementos oriundos da natureza, com a finalidade de que os educandos pudessem estabelecer relações de bem-estar, de cooperação com seus colegas e o meio ambiente. Almeida (2001, p. 32) ressalta que “Observar o mundo com uma atitude estética requer olhar para além do que é estritamente literal ou utilitário.”

Preparou-se antecipadamente o espaço da sala de aula, deixando ao centro da sala um pano da cor branca; sobre o centro desse pano foram posicionados os quatro elementos essenciais para a vida: terra, água, fogo e ar. Organizaram-se ao redor as diferentes sementes e outros elementos oriundos da natureza, possibilitando, assim, um ambiente acolhedor e harmonioso para a atividade.

Propôs-se um momento de sensibilização e reflexão no coletivo. Dessa maneira, ressaltou-se aos educandos para que no momento em que iniciasse a elaboração da mandala fosse possível sentir o cheiro, o aroma de cada semente, percebendo também a forma, as texturas e as cores de cada semente.

No ato de escolher a semente que iria compor a mandala, propôs-se que pensassem em palavras e ações que gostariam de semear hoje para colher no amanhã, a fim de poderem colher bons frutos e pensarem em um mundo mais humano e feliz. Meira e Pillotto (2010, p. 123) afirmam que “As etapas de sensibilização, exploração e estruturação de um trabalho prático sempre envolvem aplicação e transformação de afetos. É importante que o silêncio seja respeitado para não romper a intensidade da concentração.” Em silêncio, os educandos iniciaram a elaboração da mandala de forma coletiva; em meio ao espaço proposto foi possível estabelecer o contato com as sementes e demais elementos naturais. No momento do fazer artístico da mandala, a troca de saberes e o diálogo recíproco desenvolvido na expressão de formas, palavras e símbolos estavam sendo elaborados por cada educando durante o desenvolvimento dessa atividade.

Aos poucos o espaço branco recebeu cor e significado, com marcas e registros de um processo que se constituiu durante a convivência coletiva e no compartilhar de sentimentos e emoção na expressão artística. Meira e Pillotto (2010, p. 28) ressaltam que: “[...] é possível entender a criação e o afeto como uma abertura permanente de entrega de sensações, de impressões e de interações.”

Com a atividade da mandala, percebeu-se a interação, o contato com o outro, o respeitar o outro, para efetivar uma educação mais humana, que valoriza o ser humano como um todo, pelos sentidos e pelas experiências que este vivencia no seu dia a dia como se pode observar mediante algumas narrativas descritas pelos participantes ao vivenciarem essa experiência. Aluna P: “A minha participação na mandala foi com a palavra Vida, pois foi com ela que tudo começou e ela somos nós.” (informação verbal). Aluna C: “Eu

me senti muito bem ao fazer a mandala em grupo por causa do companheirismo das ótimas ideias compostas por todos.” (informação verbal). Aluna E:

A atividade foi muito inspiradora, trabalhamos a atividade em conjunto, o companheirismo, a amizade e a harmonia em uma sociedade. Trabalhamos com várias formas: texturas e odores diferentes das sementes que representam a vida. Minha conclusão é que na vida precisamos viver com harmonia, companheirismo e amor. (informação verbal).

Nesse viés recordam-se os escritos de Maturana (2005), o qual ressalta sobre a necessidade de resgatar uma educação guiada pelos caminhos das conversações, da amorosidade, do diálogo, da aceitação de si com a aceitação e compreensão do outro. Maturana (2005) demonstra que o central na convivência humana **é o amor, e não a agressividade, percebendo o ambiente escolar** como um meio facilitador de provocar a reflexão e possibilitar o incentivo às boas relações entre uns e outros, iniciando-se em família, efetivando-se pelo contato entre educador e educando e demais membros da comunidade escolar, a fim de que essas ações sejam vivenciadas na sociedade. Nessa perspectiva, compreendeu-se a Arte como uma possibilidade de resgatar essas vivências, bem como a percepção sensível, os aspectos constituintes do viver humano, os quais Meira e Pillotto (2010) destacam como prioridade nas relações humanas e principalmente na relação entre educador e educando. Enfatizam a educação pelas vias do afeto, da ética, da estética e do comprometimento com o processo de ensino-aprendizagem.

Por meio das reflexões, conclui-se que foi possível refletir sobre a coletividade, a união e as relações humanas cerceadas pela coletividade materializadas no pensar individual por meio da linguagem da arte. Partindo desse pressuposto, faz-se necessário se ressaltar que acredita na coletividade e na ação solidária, por isso é necessário propor uma educação voltada aos sentidos, regada pelo afeto e pelo diálogo, efetivando, assim, a troca de saber e o compartilhar de experiências durante o processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Freire (2008, p. 127), “Trabalhar, educar os limites da força e do poder do grupo de modo produtivo a favor de todos e cada um; é tarefa a ser encaminhada pelo educador para a conquista da autonomia e da produção do conhecimento.” Conforme a autora, desenvolver atividades educativas, que instigam a participação de todos de forma coletiva, é possibilitar espaço ao diálogo, à união, permitindo, assim, que a força e o espírito coletivo sejam reconstruídos na prática de ensino.

4 CONCLUSÃO

Refletir sobre o processo vivenciado durante as etapas constituintes desta pesquisa é recordar os momentos significativos dessa caminhada, em que cada um foi importante para que a investigação e a compressão fossem evidenciadas. Diante do exposto se ressalta que uma pesquisa exige dedicação e comprometimento do pesquisador, bem como a necessidade de ir ao encontro de leituras, a fim de nortear a reflexão do processo perante as indagações elencadas, como também a coleta de dados no ambiente campo de

pesquisa. Ressalta-se ainda, que uma pesquisa nunca é pronta e acabada, sempre pode ser tecida por novas percepções e nossas reflexões, pois a realidade exige um repensar constantemente.

Ao longo desta caminhada, algumas questões foram sendo tecidas, e, para saciar essas indagações, foram necessárias leituras, as quais possibilitaram refletir e compreender a educação como um processo humano, que necessita da inter-relação de um com outro, sendo primordial estabelecer diálogos com a realidade conturbada que vive o ser humano, e que a educação também vivencia. Percebeu-se a Arte como possibilidade formativa do ser em processo de aprendizagem. Refletiu-se também sobre alternativas que possibilitam o resgate das vivências humanas, do contato com a natureza, da coletividade, da afetividade no ambiente escolar, proporcionando, assim, um repensar as inter-relações na compreensão do ser humano na contemporaneidade.

Ao vivenciar o processo de intervenção docente com os educandos das Séries Finais do Ensino Fundamental, foi possível estabelecer momentos de aprendizado, reflexão, alegria, coletividade, superação e desafios. O desenvolver de atividades coletivas possibilitou um contato mais afetivo entre os educandos, proporcionando um momento de reflexão e companheirismo cercado pelo companheirismo. A experiência coletiva com materiais oriundos da natureza permitiu o contato com a essência interior de cada educando no momento em que se sentiram livres para compor o que estavam sentindo naquele momento.

Por meio das vivências durante o processo de intervenção docente, objetivou-se contribuir com o processo de ensino-aprendizagem dos educandos, possibilitando momentos de reflexão, expressão por meio do fazer artístico, diálogos, partilha e acolhida de vivências e experiências, momentos integrativos, de bem-estar e cooperação. Quanto à problemática elencada nesta pesquisa, compreendeu-se de que proporcionar momentos de reflexão e de união, no ambiente escolar ou no espaço não formal, favorece a contemplação do ser, como ser humano, diante as complexidades vivenciadas no dia a dia, que, por vezes, não são repensadas e muitas vezes ignoradas, esquecendo-se de olhar para dentro de si e para o outro.

Preservar estas vivências é um importante passo para se desenvolver na prática uma educação mais humana e solidária. Acredita-se que as vivências integrativas devem ser preservadas e vivenciadas no espaço escolar, com a finalidade de ocasionar a reflexão e o reviver das forças coletivas. Por fim, ressalta-se que a pesquisa permitiu um verdadeiro degustar de experiências e troca de saberes. Aprendeu-se muito no convívio de uns para com outros. As essências que ficaram como reflexões desta caminhada certamente fazem refletir sob uma educação sensível por meio da Arte.

The sensitive education: educative acknowledgments that crosses the human being comprehension

Abstract

*Educating is an inter-relation human process. Into this process of sharing experiences we need to feel and understand the human being by the sensitive education, where the student can experience sensations, feelings, learn how to listen, look, speak, taste to understand himself and others inside their peculiarities and differences. We notice that everything changes instantly and the people leave the physical contact to keep a virtual one forgetting to taste, listen, and notice all around and ourselves. So, the following research has as the thematic *The sensitive education: Educative acknowledgments that crosses the human being comprehension*. These interfaces of modern life influence the social structures and school environment. The problematic of this document is: *What are the Arts educative possibilities, in a sensitive education perspective, and how it can contribute in the human inter-relations in the school? It is a qualitative and ethnographic research. To the data analysis we based on phenomenologic approach. The participants of the process of intervention were teachers from primary/elementary public school of São Miguel do Oeste.**

Keywords: Sensitive education. Arts. Students.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Célia Maria de Castro. Concepções e práticas artísticas na escola. In: FERREIRA, Sueli (Org.). **O Ensino das Artes: construindo caminhos**. 3. ed. Campinas: Papirus, 2001. 224 p.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. 119 p.

_____. **Vida líquida**. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. 210 p.

_____. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 199 p.

BUORO, Anamélia Bueno. **O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008. 160 p.

DUARTE JUNIOR, João-Francisco. **A montanha e o videogame: escritos sobre educação**. Campinas: Papirus, 2010. 160 p. (Coleção Ágere).

_____. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Curitiba: Criar, 2001. 225 p.

_____. **Por que arte-educação?** 20. ed. Campinas: Papirus, 2009. 87 p.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

FREIRE, Madalena. **Educador, educador, educador**. São Paulo: Paz e Terra, 2008. 214 p.

LAHORGUE, Carlos Théo. Suponhamos que a natureza fale. In: ORMEZZANO, Graciela (Org.). **Questões de Arteterapia**. 2 ed. Passo Fundo: Ed. UPF, 2005.

MATURANA, Humberto R. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 2005. 98 p.

MEIRA, Marly Ribeiro; PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. **Arte, afeto e educação**. A sensibilidade na ação pedagógica. Porto Alegre: Mediação, 2010. 144 p.

